

SERAINÉ, Florival. *Temas de linguagem e de folclore.* Fortaleza, Stylus Comunicações, 1987. 359 p.

Nos vinte últimos anos o meio universitário brasileiro voltou suas vistas para o estudo e pesquisa do português falado no Brasil. Mas ainda assim urge uma série de investigações, tendo em conta os vários contextos regionais e sócio-culturais. Afora os trabalhos desenvolvidos em algumas universidades federais (Bahia, Paraíba e as da região sul) e por pesquisadores isolados pouco mais se tem feito em termos de estudo de falar (ou falares) de determinada área geográfica.

Não poucas vezes os interessados tem que recorrer a estudiosos de disciplinas afins (antropologia, etnografia, etc.) para obtenção de dados.

Entre estes estudiosos deve ser mencionado o nome de Florival Seraine, médico e antropólogo cearense, ex-professor da Universidade Federal do Ceará, desde a década de 40 realizando pesquisas de campo sobre etnografia e falares regionais.

No volume apresentado estão reunidos onze estudos divididos em dois grandes itens: “temas de linguagem” e “temas folclóricos”

Em “Introdução ao atlas lingüístico e folclórico do Cariri” (p. 13-32) faz, inicialmente, minudente descrição da técnica empregada no levantamento dos “fatos lingüísticos” Foi buscar nos elementos da cultura popular tradicional as bases para bem delimitar a área a ser estudada que, como era de se esperar, ultrapassa os limites estaduais. Como assinala Seraine” “... a colheita do material lingüístico, com o objetivo de traçar as isoglossas dos “fatos mais importantes” não deverá recuar ante fronteiras estaduais e talvez necessite de ser empreendido numa extensão territorial mais vasta do que, não raro, se supõe. Pois para determinar um limite é necessário ir além do limite. “Assim poder-se-á atingir as origens históricas e culturais daquelas ocorrências de interesse dialetológico, lograr uma distribuição correta dos falares regionais e, com isso, obter muito menos possibilidade de erro no traçado das áreas e subáreas lingüísticas brasileiras.

Mesmo que os “fatos fonéticos e sintáticos” sejam de grande significação para bem caracterizar a variedade do falar cearense na região do Cariri, o léxico, como pondera o autor, “não deverá ser desprezado, devendo ser investigado segundo questionários próprios” Exemplifica com os vocábulos *peitoral*, usado na região caririense em lugar de guarda-peito, peculiar à zona norte, para designar certa peça da indumen-

tária do vaqueiro, e *chapeado* que, em Fortaleza, equivale a carreteiro e carregador.

No plano das realizações fônicas são indicadas aquelas que permitem reconhecer fenômenos distintivos dos falares das outras regiões brasileiras. Como diz o escritor, a “realização fônica do dígrafo *nh*, intervocálico (ditongo nasal com a vogal precedente – mar (ãy) ãw (Maranhão), dis(õy)u (disponho), etc.; a pronúncia dos encontros vocálicos finais iu e ui, como nos vocábulos frio, rio e ruim (hiato); nasalização por contigüidade (dõmiñiu, kãnêta, jãneru, etc.); articulação dos tritongos (nos grupos qu e gu : frè (ken) tá (freqüentar), li (ki) dá (liquidar); etc.”

Para os estudos de diacronia o leitor poderá contar com subsídios razoáveis no estudo sobre “*A Relação do Maranhão do Padre Luiz Figueira e o falar cearense atual*” (p. 33-67). Ali são analisados os arcaísmos e os empréstimos de origem indígena, mormente tupinismos, “não tendo sido detectados africanismos de procedência brasileira”

Uma série de dados históricos são fornecidos acerca dos topônimos Almofala, Arneirós, Granja, Messejana, Sobral, Arronches, Campo Maior, Montemor-o-Velho, etc. (p. 69-87). Talvez aqui se possa ressentir de mais e melhores informações de ordem lingüística.

A antroponímia, tão pouco estudada no Brasil, tem guarida nas páginas 89-99, com breve estudo sobre conteúdos semânticos de prenomes correntes nos séculos XVII, XVIII e primeiras décadas do XIX.

Os três capítulos finais da primeira parte (“Formação de palavras na linguagem popular”, “Lexicografia e semântica cearenses”, “Aspectos históricos da língua nacional no Ceará”) bem demonstram a lucidez e a objetividade com que o professor cearense trata do “linguajar” de seu estado natal, ao longo das páginas 101-254.

A formação de palavras é apresentada com exaustiva exemplificação. Estuda a sufixação nominal e a verbal, a derivação regressiva, a composição e a prefixação, etc. Diz bem o autor: “As formações se acham ligadas a manifestações afetivas, em certos casos, cabendo notar as que acusam intenção burlesca ou irônica” Em adendo afirma que “o uso dos termos que apresentamos, se algumas vezes é de caráter generalizado entre o povo mais ou menos culto, na conversação normal, outras vezes é particularizado, conforme seja a situação. Aliás, é bem difícil estabelecer, no Ceará, os limites entre a linguagem popular, semiculta, e a inculta, plebéia, a qual se distingue, não raro, apenas pela corrupção fonética dos vocábulos.

Glossário representativo do “falar cearense”, agrupados ocasionalmente em campos semânticos, compõe o corpo do segundo tra-

balho há pouco indicado. Os “fatos lexicais” aí mencionados são diferenças regionais, dinheiro e medidas, arcaísmos, expressões marítimas ou náuticas, ditos tradicionais, indigenismos, africanismos, etc.

A história da língua no Ceará, na realidade, é uma ampliação das notas sobre a *Relação do Maranhão*, com o autor buscando mais fontes informativas para abonar suas argumentações.

Nos estudos que F. Seraine denomina como folclóricos tem-se uma série de dados muito úteis para reflexões etnolingüísticas. Tal é possível em razão de ter o escritor cuidado em bem registrar expressões lingüísticas locais, localizando-as num amplo contexto sócio-cultural, sempre acompanhadas de ponderações crítico-descritivas.

Os temas que finalizam o volume cuidam do curral de pesca, de uma dança de procedência indígena (o torém), do reisado interiorano e dos estudos etnográficos e folclóricos levados a cabo naquele estado nordestino.

ERASMO D’A. MAGALHÃES